

MANIFESTO ULTRA-METACAGUISTA

Eduardo Canesin

O PROTAGONISTA estava num ônibus lotado, indo ao trabalho. Como ‘protagonista’ não é um termo muito específico, é melhor que o nomeemos. Poderíamos chamá-lo de Augusto, Anderson, Breno, Ruanderson ou por qualquer outro nome. Assim sendo, chamemo-lo de Alalaô – por mera conveniência narrativa.

O trânsito daquele dia estava infernal, como, aliás, era corriqueiro naquele horário, o que não constituía, portanto, uma novidade. De repente, algo insólito ocorreu – e que pioraria ainda mais o tráfego: um acidente.

Mas não se tratava de um acidente comum, já que isso se tornara normal e esperado: com efeito, ao menos setenta e duas pessoas morriam atropeladas, trezentos e dezoito ficavam feridas e mil quatrocentos e vinte e nove carros eram arruinados diariamente naquela rodovia.

O que houve foi muito específico (e conveniente para um conto fantástico absurdo): um caminhão com produtos químicos capotou cento e oitenta e cinco vezes durante a madrugada, ao tentar desviar de um texugo que passava por ali. Como era um caminhão de um modelo ficcional novo, o motorista conseguiu ejetar seu assento e, portanto, escapou incólume. Do mesmo modo, como a rodovia estava deserta naquela hora da madrugada (exceto pelo texugo), nenhum motorista ou animal foi atingido e os destroços do veículo foram retirados rapidamente da estrada.

Curiosamente, contudo, o produto químico – uma substância verde e líquida altamente tóxica que seria usada como agrotóxico em plantações e como solvente base na preparação de

merendas escolares – foi lançado aos ares durante a sequência de capotamentos. Contrariando todas as leis da física (mas nenhuma legislação ambiental), o material demorou horas e horas para cair novamente no chão. E, quando caiu, a cidade estava absolutamente movimentada.

Felizmente, o produto não caiu em nenhum dos cidadãos de bem, os quais já costumam ter preocupações demais para precisar perder tempo com esses absurdos. Também foi um feliz acaso o fato de o líquido não ter caído em nenhum animal – pois, do contrário, diversos manifestantes tomariam as ruas para protestar contra maus-tratos e isso, sim, arruinaria o tráfego.

Afortunadamente, o produto caiu em um mendigo – e somente em um. Como mendigos são seres negligenciados, ninguém se importou com o fato: seria uma pessoa a menos fazendo peso no mundo, apenas isso.

Contrariando todas as expectativas e estatísticas (em 98,45928% das vezes, a pessoa morre quando produtos químicos altamente tóxicos caem em cima dela), o mendigo não ficou com câncer, não derreteu, nem morreu. Na verdade, ele ganhou poderes.

Para sermos justos, a estatística arrolada acima só vale para a vida real. Em um texto fictício, em 100% das vezes que algo assim ocorre, o alvo ganha poderes. A menos, é claro, que seja o desfecho da obra: nesse caso, o alvo morre instantaneamente, sobretudo se for o vilão. A menos, é claro, que haja uma continuação prevista: nesse caso, todos pensariam que o vilão morreu, mas ele não morreu de fato. A menos, é claro, que ele tenha morrido: nesse caso, algum familiar buscaria vingança. A menos, é claro, que ele não tivesse familiar: nesse caso, teria que surgir um novo vilão. A menos, é claro... bom, a lista é longa.

O fato é que os personagens desse conto ainda não sabiam que estavam em um conto (assim como você, que lê este conto, também não sabe que está num conto), portanto eles acreditavam que a estatística dos 98,45928% era válida. O mendigo contrariou essas estatísticas e não morreu. Ganhou poderes.

Muita coisa aconteceu nesse ínterim. Eu havia escrito quase duas páginas de descrição, mas, por problemas no editor de texto, que deu pau, acabei perdendo tudo isso – e não me lembro mais de todos os detalhes do ocorrido.

O que importa é que as pessoas entraram em pânico quando viram um mendigo verde brilhante disparando pães de canela de suas mãos. Para piorar, tais pães eram explosivos e, quando atingiam o chão, viravam espalhafatosos cachorrinhos luminosos e fedorentos que andavam e gritavam pelas ruas até sumirem e virarem uma poça de urina ácida.

Diante de tal cenário, os motoristas saíram de seus veículos e correram desesperados, jogando-se no chão e pisoteando e sendo pisoteados por seus pares, outros cidadãos de bem. A polícia ficou estarrecida com esse evento e mandou todo o batalhão para a cracolândia: pensavam que, agindo de tal modo, combateriam o mal pela raiz. Esqueceram, todavia, do mendigo com os estranhos poderes agridoces de pães de canela e cães de urina.

Resta dizer que o mendigo não é o protagonista deste conto, afinal mendigos não podem ser protagonistas, segundo o cânone da literatura ocidental. Por conta disso, seu nome não é Alalaô. Aliás, nem precisamos nos preocupar com tal constatação, posto que mendigos não têm nome.

Conforme dito no primeiro parágrafo, Alalaô estava no ônibus, indo ao trabalho. Quando o condutor do coletivo parou o veículo, abriu a porta e saiu correndo, os demais passageiros fizeram o mesmo. Alalaô era um passageiro e, portanto, fez o que devia ser feito: seguiu a manada e fugiu. Poucos metros depois, deparou-se com um espetáculo medonho, o qual não descreveremos para não elevar a classificação indicativa desta obra.

– Mas que merda é essa? – Perguntou o polido protagonista.

Não perderemos tempo descrevendo as características físicas de Alalaô, pois cada um que ler o texto pode imaginá-lo como bem quiser. De igual modo, não faz diferença o cenário: pode ser uma rodovia comum ou um serpenteado azulado com um sol cor de burro quando foge. Assim sendo, também não perderemos tempo descrevendo-o. No fundo, nada faz diferença, mas continuaremos com a história mesmo assim, pois podemos nos dar a esse luxo.

O mendigo se aproximou de Alalaô (ele não estava perto do protagonista no começo da cena, mas foi trazido para tal posição por conta do poder do narrador, que escreve o que quer), atirando pães de canela para o alto, os quais se explodiam no ar e faziam com que os cãezinhos descessem de paraquedas até solo firme, onde faziam suas traquitanas até que virassem poças de urina.

(Este não era um desfecho triste, aliás, pois a vida humana é a mesma absurdidade espalhafatosa – com a diferença que não envolve urina, mas outros excrementos).

Alalaô viu a absurdidade da cena, toda a extensão do pavor grotesco, e se abaixou. Pegou, então, um caderno de sua mochila (mochila que não possuía no começo da narrativa, mas que convenientemente apareceu nas costas dele assim que escrevi sobre sua existência).

A vantagem de não descrever um personagem, aliás, é bem essa: podemos fazer surgir qualquer coisa a qualquer momento e dizer que sempre esteve com ele. Por exemplo: Alalaô

possuía um arpão e mão robótica, além de uma perna mecânica. Ou talvez não possuísse...
Depende de como a narrativa prosseguirá.

De toda forma, Alalaô se abaixou e começou a rabiscar em um papel de seu caderno. O caderno era azul e a folha era branca, com pautas simples. Poucos segundos após começar o estranho ritual, um homem vestido inteiramente de verde e amarelo veio voando para salvar os cidadãos de bem da ameaça à ordem.

– Está tudo bem, cidadãos de bem: vim salvá-los da ameaça à ordem – disse o herói.

O mendigo atirou no herói, mas seus pães de canela não podiam feri-lo. Alalaô continuou escrevendo no caderno e, enquanto escrevia, o herói agia.

– Não adianta, vilão. Estou aqui para derrotá-lo! – Prosseguiu o defensor da moralidade.

– Tá falando comigo? – Perguntou o mendigo.

– É claro que sim. Você não pode subverter a ordem, maldito! – Respondeu o herói.

– Não fui eu que pedi para atirar pães. Eu queria comer pães, isso sim.

– Não tô nem aí.

– Eu não sou o inimigo.

– É verdade!

Nisso, Alalaô escreveu mais algumas palavras em seu caderno e o herói começou a dançar balé clássico. Nada disso fazia sentido, mas desde o começo nada fazia sentido, de modo que a dança apenas continuava, insana, movimento após movimento.

O mendigo viu aquilo e também começou a dançar, pois não havia coisa melhor para fazer. Os cidadãos de bem que não foram pisoteados viram tudo o que acontecia e se aproximaram e também dançaram, assim como o batalhão da polícia e os viciados da cracolândia. Ninguém conseguia parar o que estava acontecendo. Apenas Alalaô não dançava, mas ele já estava acostumado a dançar, então tudo bem: apenas continuou escrevendo em seu caderno.

De tantas pessoas que estavam dançando na rodovia, o ambiente ficou tomado pela multidão e, no frenesi, alguns cidadãos de bem derrubaram (certamente sem querer) o mendigo com poderes e os usuários de crack, que caíram de uma ponte alta que não existia quando esta história começou.

Pouco tempo depois, vozes vieram do alto da página e reverberaram por toda a existência, assustando Alalaô.

– Ei! – disseram as vozes – você está subvertendo o texto!

– Eu? – Perguntou Alalaô.

– Você! – responderam.

– Eu, não.

– Então quem foi?

– Foi o Juquinha!

Em virtude desta ousada manobra intelectual, uma série de perguntas foi feita a todos os membros daquela dança macabra, e todos negavam a culpa e continuavam a dançar. Já estava escurecendo e seguiam nos mesmos passos de balé e não indicavam que parariam. Os últimos cãezinhos, àquela altura, viraram poças de urina. Em certo momento, cansado com o que estava acontecendo e com os rumos da narrativa, decidi intervir:

– Chega disso!

– Quem é? – Perguntou Alalaô.

– Eu te criei.

– E para quê?

– Não sei.

– Isso é cruel.

– Não importa. Posso ser cruel. Você é apenas ficção. O mundo real é que importa.

– Para mim, aqui é real.

– Mas não para mim.

– E porque estamos tendo esta conversa?

– Porque você pegou seu caderno e começou a escrever coisas absurdas nele. Houve algum tipo de interferência quântica e aquilo que você escrevia começou a acontecer no meu texto.

– Mas se seu texto é minha vida, quer dizer que eu me tornei senhor de meu destino?

– Bem que você queria.

Nesse momento, Alalaô deixou de existir e, em seu lugar, veio Alalaô Segundo, que era um pouco mais gordo que o primeiro, mas não faz diferença, pois não havíamos descrito o primeiro. O novo personagem ocupou o lugar do primeiro e deu continuidade ao diálogo:

– De onde vim e para onde vou?

– Nada disso importa.

– E o que importa?

– Não sei. Tudo depende da recepção.

– Que recepção?

- Da obra.
- Que obra?
- Esta.
- Ah.
- Esqueça. Vamos apenas reiniciar, certo?
- Tá bom.

Alalaô Segundo saiu do ônibus e, poucos metros depois, tornou a encontrar, pela primeira vez, o mendigo verde brilhante. Isso aconteceu porque até essa parte as coisas faziam algum sentido; por conseguinte, eu apaguei o resto, mas mantive isso. O rapaz viu aqueles estranhos poderes, teve uma ideia e se abaixou. Pegou um caderno dentro da mochila e começou a rabiscar algumas palavras.

Poucos segundos depois, veio um herói voando pelo céu, para salvar tudo e todos. Ele era rápido e tinha dois doutorados, além de superpoderes diversos. Ele pegou alguns cotonetes e os usou para criar vigas de ferro – apenas porque podia fazer isso. Usou o ferro obtido, além de alguns circuitos, e construiu uma máquina do tempo.

A única forma de ligar uma máquina do tempo ficcional era usando dois bilhões de quilogramas de alimentos não perecíveis. Ele fez isso em um instante e, então, o equipamento estava funcionando. Poucos segundo depois, o herói estava naquela mesma rodovia, mas era de madrugada.

Ele deu um forte chute no texugo que passava por lá. Por conta disso, o motorista do caminhão não capotou nenhuma vez e conseguiu fazer sua entrega normalmente. Na noite daquele mesmo dia, tal motorista seria assaltado num posto de gasolina, reagiria e acabaria morto – assim como o texugo, que não resistiu ao chute.

A despeito disso, a substância química que foi entregue pôde, então, ser devidamente usada como agrotóxico e como solvente base de merendas escolares. Ninguém ganhou poderes, é claro, mas a incidência de câncer naquele ano aumentou em 98,45928%.

O mendigo sem nome continuou sendo apenas um mendigo – ao menos até ter uma morte por causas naturais: overdose.

O herói olhou para o mundo e viu que tudo era muito bom. Sorriu, respirou fundo o ar poluído da cidade e deixou de existir – assim como a máquina do tempo que criara. Antes de sumir, contudo, teve tempo de dizer:

- Agora, sim!

Alalaô Segundo deixou o caderno de lado e o guardou na mochila: estava tudo bem novamente. Entrou no ônibus, que rapidamente ficou lotado de novo, e se dirigiu ao trabalho, como de praxe.

No entanto, algo absu...

A campainha não parava de tocar. Ainda era segunda-feira.

Eduardo Canesin

Sociólogo e Mestre em Ciências Sociais. É autor dos romances *Sobre taturanas, ilusões e depressão* e *Sociologia da vida ordinária*.